

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Belas Artes  
Programa de Pós-graduação em Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Jônia Márcia Felipe Vieira

**ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS PARA IDOSOS**  
Um resgate da própria vida

Polo Contagem  
2020

Jônia Márcia Felipe Vieira

## ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS PARA IDOSOS

Um resgate da própria vida

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Geraldo Freire Loyola

Polo Contagem 2020

Vieira, Jônia Márcia Felipe Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais para idosos: um resgate da própria vida/Jônia Márcia Felipe Vieira – 2020.

55 f. (Cinquenta e cinco folhas).

Orientador(a): Geraldo Freire Loyola  
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 52-53 páginas cinquenta e dois e cinquenta e três.

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. LOYOLA, Geraldo Freire. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707

Nome: **JÔNIA MÁRCIA FELIPE VIEIRA**

**ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS PARA IDOSOS: UM RESGATE DA PRÓPRIA VIDA.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professor Geraldo Freire Loyola– CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientador

Professor Maurício Silva Gino – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira  
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes  
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2020.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela oportunidade da existência.

Aos meus professores e coordenadores do curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Novas Tecnologias da EBA/UFMG, em especial para a professora Lucia Gouveia Pimentel, pelo apoio, leitura e intervenção precisa e fundamental ao projeto de pesquisa.

Ao meu orientador Geraldo Freire Loyola, pela clareza e apoio no direcionamento desse trabalho.

Aos tutores do curso, pelo apoio técnico.

Aos colegas de curso, pelas trocas reais e virtuais sobre o ensino de Artes Visuais.

Às equipes da SMASAC e CRPI/PBH, pela oportunidade e apoio técnico, em especial ao Analista Público e coordenador Leandro Faria Campos.

Aos meus queridos alunos do curso de Pintura do CRPI, pela amizade e parceria no processo de criação e exposição e na inspiração para a escrita.

À equipe de trabalho e aos alunos da Escola Municipal Prefeito Aminthas de Barros, por muitos anos de convivência e construção pedagógica.

Ao Minas Tênis Clube, PBH/SMASAC, UFMG/Fafich e Usiminas-BH, por receber e apoiar a exposição: "Mulheres do Mundo".

Aos meus pais (*in memoriam*), pelo amor incondicional e por me incentivarem a estudar e ter uma profissão.

À minha filha Marcella Felipe Bebiano, pelo amor, incentivo e sintonia de sempre.

Ao meu marido Ricardo Pinto, pelo amor, parceria e apoio diário.

Aos meus irmãos e sobrinhos, pela nossa união em momentos difíceis.

Aos meus amigos e colegas de profissão pelo apoio emocional, reconhecimento e estímulo à difícil, mas prazerosa tarefa de ensinar e viver de Arte no Brasil.

.

*A arte não reproduz o visível,  
ela torna visível.*  
(Paul Klee).

## Resumo

Esse trabalho apresenta uma narrativa como professora-artista em um projeto de educação não formal da prefeitura de Belo Horizonte, MG. Na tentativa de teorizar a minha prática pedagógica em Artes Visuais, introduzo o texto com uma breve história do ensino de Arte no Brasil a partir da década de 1980 até o presente, criando um paralelo com a minha experiência com a ensino de Artes Visuais na educação formal e na educação não formal. Para isso, faço referência à Abordagem Triangular e aos ensinamentos teóricos das professoras-pesquisadoras Ana Mae Barbosa e Lucia Gouveia Pimentel. A partir da importância de estimular uma produção artística mais autoral aos meus alunos, busco inspiração e fruição na vida e na obra das artistas Frida Kahlo e Louise Bourgeois, com a reverberação das suas histórias de vida nas suas obras e vice-versa. Finalizo apresentando relatos e imagens sobre a exposição coletiva “Mulheres do mundo: Jônia Vieira e suas alunas”, realizada em galerias de BH entre os anos de 2018 a 2020. Com esse trabalho, procuro contribuir para um ensino de Artes Visuais de qualidade, embasado na História da Arte e com viés contemporâneo, em espaços formais e não formais de educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes Visuais. Ensino-aprendizagem. Educação não formal.

## **Abstract**

This work presents a narrative as a teacher-artist in a non-formal education project of the city of Belo Horizonte, MG. In an attempt to theorize my pedagogical practice in Visual Arts, I introduce the text with a brief history of teaching Art in Brazil from the 1980s to the present, creating a parallel with my experience with teaching Visual Arts in education formal and non-formal education. For this, I refer to the Triangular Approach and the theoretical teachings of the teacher-researchers Ana Mae Barbosa and Lucia Gouveia Pimentel. Based on the importance of stimulating a more authorial artistic production for my students, I seek inspiration and enjoyment in the life and work of the artists Frida Kahlo and Louise Bourgeois, with the reverberation of their life stories in their works and vice versa. I conclude by presenting reports and images about the collective exhibition “Women of the world: Jônia Vieira and her students”, held in galleries in BH between the years 2018 to 2020. With this work, I try to contribute to a quality teaching of Visual Arts, based on in Art History and with a contemporary bias, in formal and non-formal educational spaces.

**KEYWORDS:** Visual Arts. Teaching-learning. Non-formal education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Reprodução da obra: “A última Ceia”, de Leonardo da Vinci.....	20
FIGURA 2 – Registro fotográfico de produções artísticas de alunos.....	21
FIGURA 3 – Registro fotográfico de produção artística de aluno.....	22
FIGURA 4 – Registro fotográfico de produção artística de aluna.....	22
FIGURA 5 – Registro fotográfico de produção artística de aluno.....	22
FIGURA 6 – Registro fotográfico do pátio do CRPI.....	26
FIGURA 7 – Registro fotográfico do grafite do artista Eli Costa no CRPI.....	26
FIGURA 8 – Registro fotográfico da sala de aula/lanche coletivo do CRPI.....	28
FIGURA 9 – Registro fotográfico da professora e alunos do CRPI no CCBB.....	30
FIGURA 10 – Registro fotográfico dos alunos do CRPI no CCBB.....	31
FIGURA 11 – Registro fotográfico do retrato da artista Louise Bourgeois.....	33
FIGURA 12 – Registro fotográfico da obra “Spider”, de Bourgeois.....	33
FIGURA 13 – Registro fotográfico do retrato de Frida Kahlo.....	35
FIGURA 14 – Registro da sala de aula de Pintura no CRPI.....	39
FIGURA 15 – Cartaz da exposição no Minas Tênis II com a Frida Kahlo.....	42
FIGURA 16 – Registro da abertura da exposição no Minas Tênis II.....	43
FIGURA 17 – Registro fotográfico na galeria da Usiminas BH.....	43
FIGURA 18 – Registro da pintura da atriz Fernanda Montenegro pela aluna F.....	45
FIGURA 19 – Registro da aula de Pintura no CRPI.....	46
FIGURA 20 – Registro da Pintura da Dandara criada pela aluna G.....	46
FIGURA 21 – Registro da pintura da Índia Putanny criada pela aluna H.....	47
FIGURA 22 – Registro da pintura da cantora Elza Soares criada pela aluna I.....	48

## LISTA DE SIGLAS

BEPREM – Beneficiência da Prefeitura Municipal de BH

BH – Belo Horizonte

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPE – Centro de Aperfeiçoamento de Professores

CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil

CEEAV – Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais

CRPI – Centro de Referência da Pessoa Idosa

EAB – Escolinha de Arte do Brasil

EJA – Educação de Jovens e Adultos

INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social

EMPAB – Escola Municipal Prefeito Aminthas de Barros

LDB – Lei de Diretrizes de Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MG – Minas Gerais

MTC – Minas Tênis Clube

ONG – Organização Não Governamental

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

RME – Rede Municipal de Ensino

SEDUC – Secretaria de Educação de Contagem

SMASAC – Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania

SMED – Secretaria Municipal de Educação

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

USP – Universidade de São Paulo

UVA – Universidade Veiga de Almeida.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>09</b>
<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. O ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS .....</b>	<b>14</b>
1.1 Contextualizando o ensino de Artes Visuais no Brasil .....	14
1.2 Percurso como professora de Artes Visuais no Ensino formal.....	17
1.3 Introduzindo as Artes Visuais na educação não formal.....	23
<b>2.O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL .....</b>	<b>25</b>
2.1 Contextualizando o ambiente de trabalho.....	25
2.2 As aulas de Artes Visuais no CRPI.....	26
2.3 Biografias das artistas: Louise Bourgeois e Frida Kahlo.....	33
<b>3. ARTE, ENSINO E EXPERIÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>
3.1 Metodologias e experiências no ensino de Artes Visuais.....	38
3.2 Abordagem Triangular.....	40
3.3 Exposições externas do CRPI.....	41
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>
<b>6. ANEXOS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

A arte tem a capacidade de promover uma compreensão de si e do outro, do sujeito individual e do sujeito coletivo. É preciso pensar o fazer artístico como uma expressão da vida, numa sintonia entre o pensar e o sentir. Falar do papel das memórias individuais e coletivas, do limite entre arte e vida, da dimensão estética no contexto histórico, cultural, social e político

Sou professora de Artes Visuais concursada na Rede Municipal de Belo Horizonte, sendo graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística, pela UEMG e com pós-graduação em Arte e Educação pelo CEPENMG, e Psicopedagogia Institucional, pela UVA/RJ. Atualmente, estou no Centro de Referência da Pessoa Idosa (CRPI), da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte - MG, atuando como professora de Pintura Acrílica para pessoas acima de 50 anos.

O assunto que escolhi para esse trabalho está dentro do ensino de Artes Visuais, mas para uma educação não formal, voltado para o ensino/aprendizagem de Artes Visuais para pessoas idosas. Esse tema surgiu a partir das minhas observações sobre a produção mais autoral de artistas visuais e dos meus alunos idosos, relacionando suas histórias de vida. O objeto da pesquisa inicial dessa monografia é o ensino/aprendizagem de Pintura para pessoas acima de 50 anos.

Inicialmente pensei em registrar autobiografias dos alunos, traçando um paralelo com as suas produções artísticas autorais, mas devido ao curto espaço de tempo para ser encaminhado e analisado pelo conselho de ética, decidi trabalhar com biografias já publicadas.

O objetivo geral desse trabalho é o de estabelecer conexões entre o ensino/aprendizagem de Artes Visuais em uma educação não formal com os princípios da Abordagem Triangular, a partir de registros biográficos e já publicados de artistas visuais.

Antes de organizar este texto, fiz um levantamento do material teórico, realizando análises biográficas e aprofundando estudos nas metodologias do ensino de Artes Visuais e nos conceitos e aplicações da Abordagem Triangular. Elaborei uma monografia que dialoga com minha experiência de professora-artista-pesquisadora. Para isso, recorri aos registros publicados da vida e obra das artistas Frida Kahlo

(1907-1954) e Louise Bourgeois (1911-2010) para embasar a minha prática artística-pedagógica.

Busquei referenciais teóricos nas pesquisas sobre Abordagem Triangular das educadoras e pesquisadoras Ana Mae Barbosa, Lucia Pimentel e Maria Christina Rizzi. E sobre o conceito de experiência, busquei referência nos textos do educador e pesquisador Jorge Larroza Bondía.

No capítulo 1, faço uma breve contextualização do ensino/aprendizagem de Artes Visuais no Brasil a partir do final do século XX aos dias atuais, relatando o meu percurso no ensino de Artes Visuais na educação formal para jovens e sobre a educação não formal na sequência.

No capítulo 2, relato sobre a minha trajetória no ensino não formal de Artes Visuais, contextualizando o ambiente de trabalho atual e focando na minha experiência como educadora nas aulas de Pintura Acrílica no Centro de Referência para idosos de BH.

No capítulo 3, discorro sobre o ensino/aprendizagem de Artes Visuais e suas metodologias, a Abordagem Triangular e a experiência com o projeto artístico pedagógico da exposição: Mulheres no mundo: Jônia Vieira e suas alunas.

Esse projeto de ensino/aprendizagem de Pintura, que foi exposto em galerias de BH, no período de 2018 a 2020, faz parte da escrita da monografia. O relato mostra as reflexões e o resultado de um processo de criação da professora com 20 alunas, todas mulheres acima dos 50 anos, no contexto das aulas de Artes Visuais do CRPI.

## 1. O ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS

### 1.1 Contextualizando o ensino de Artes Visuais no Brasil

Pretendo iniciar esse texto fazendo uma breve contextualização sobre alguns fatos importantes sobre o ensino de Arte no Brasil no século XX até o presente, ressaltando a sua importância no contexto histórico artístico desse período. Considero essa abordagem apropriada para focalizar a Arte como área autônoma do conhecimento de grande potencial para a formação de pessoas críticas, além da sua importância na minha formação como professora-artista-pesquisadora.

Segundo Barbosa (2009), “nossa grande renovação metodológica no campo da Arte-educação se deve ao movimento de Arte Moderna de 1922”. (p.44). Nessa época, houve uma grande divulgação de ideias de livre expressão e espontaneísmo infantil, idealizadas e lideradas pelo escritor Mário de Andrade e pela artista plástica Anita Malfati. “Essas experiências se caracterizam pela ideia da aprendizagem livre e do incentivo à expressão criativa, na contramão do ensino oficial de artes tal como instituído em seguida no período do Estado Novo”. (EAB in: Itaú Cultural, 2020).

Já em 1948, surgiram no Brasil, as Escolinhas de Arte do Brasil (EAB), lideradas por Augusto Rodrigues, “cujo objetivo na Arte-educação passou a ser o desenvolvimento da capacidade criadora” (BARBOSA, 1979, P. 46). O movimento aconteceu em espaços não formais de educação, nas dependências da Biblioteca Castro Alves, no Rio de Janeiro, em 1948, propagando a livre expressão das crianças.

O espírito não diretivo e aberto da Escolinha de Arte do Brasil pode ser aferido na tentativa de ampliação do repertório artístico pela inclusão de elementos da arte popular e do folclore (por exemplo, teatro de fantoches e bonecos), na intensificação do diálogo entre as diferentes modalidades artísticas, ou na adoção de um método pouco convencional de ensino. (EAB in: Itaú Cultural, 2020).

Com isso, acabou influenciando os professores que atuavam em escolas formais. Alguns livros sobre Artes Plásticas na escola, foram publicados na década de 60/70. Todos eles faziam a descrição da técnica como tema central.

Nos anos 1970, a apresentação dos programas reflete a influência da tendência tecnicista. A divisão do trabalho didático

em quatro grandes blocos separados – objetivos, conteúdos, métodos e avaliação – parece ser aceita sem questionamento, embora o detalhamento de cada um desses blocos nem sempre seja preciso. O ensino da arte é fortemente influenciado pelas idéias de Lowenfeld e Herbert Read, o que levará ao espontaneísmo, ao *laissez faire*, na maioria das escolas. (GOUTHIER, 2009, p.18)

Apenas em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) número 5692/1971, que a disciplina Educação Artística passou a fazer parte dos currículos de 1º e 2º graus. Nessa época não havia professores preparados formalmente para lecionar tal disciplina. Por isso, foram criados cursos de Licenciatura Curta e Licenciatura Plena em Educação Artística em várias regiões do país. Os professores eram obrigados a serem polivalentes, ou seja, dar conta de lecionar os conteúdos de Música, Artes Plásticas e Teatro nas escolas. Portanto, a formação que tinham nesse período era superficial.

A Abordagem Triangular, que no início foi confundida como uma proposta e uma metodologia começou a ser sistematizada em 1983 no Festival de Inverno de Campos do Jordão/SP.

A Abordagem Triangular do ensino da arte foi originalmente denominada Metodologia Triangular do Ensino da Arte e posteriormente corrigida para Abordagem ou Proposta pela sua própria sistematizadora, a professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa no final dos anos de 1980. E o produto de sua reflexão a partir do estudo de três abordagens epistemológicas: as Escuelas Al Aire Libre, mexicanas; o Critical Studies, inglês; e o Discipline Based Art Education (DBAE), americano. (RIZZI, 2008, p. 335).

Torna-se importante ressaltar que a Abordagem Triangular foi primeiramente experimentada no Museu de Arte da USP e no Projeto Arte na Escola, na década de 80/90. As professoras Denyse Vieira e Analice Pillar foram responsáveis pelo desenvolvimento do projeto nestas instituições.

No final da década de 80, houve uma mobilização para se discutir as funções e as metodologias do ensino de Arte no Brasil. O movimento de mais de 3 mil professores ganhou tanta força, que em 1988 conseguiu embargar uma nova lei brasileira que tentava retirar a obrigatoriedade do ensino de Educação Artística das escolas regulares. Já na década de 90, com a nova Lei 9394/96, a disciplina Arte entrou de forma obrigatória na educação formal.

Finalmente, com a atual Lei de Diretrizes e Bases, foram revogadas disposições anteriores e a matéria “Artes” foi reconhecida como disciplina, tendo seu ensino se tornado obrigatório na educação básica, conforme dispõe o parágrafo 2º do artigo 26: O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Às Artes Visuais, foi proposta uma dimensão ampla, envolvendo artes gráficas, cinema, vídeo, fotografia e novas tecnologias, como arte por meio de aparelhos eletrônicos, como o computador. (BRASIL, 1997, p. 30).

Desde a pré-história, os homens já se expressavam nas paredes das cavernas, através de símbolos, sobre suas experiências vividas. As crianças de um ano já desenham garatujas como forma de expressão das suas percepções e sentimentos. Observando o entorno das construções onde estou localizada, percebo diferenças da arquitetura, que podem ser mais modernas, antigas, barrocas etc. A arte está entremeando as paisagens urbanas com os grafites na fachada dos edifícios. Além disso, a internet facilitou o acesso e aproximou as pessoas aos museus de diversas partes do mundo.

Cabe ao professor de Artes Visuais aguçar a observação de novas leituras do olhar, identificando e diferenciando o que é arte e o que são imagens reproduzidas e mecânicas. Nesse sentido, as Artes Visuais estimulam uma visão de mundo e colabora para uma consciência do indivíduo e da construção da sua própria identidade.

Arte é um conhecimento sensível, que coordena ações e emoções; é um modo de pensar, chegar a criações inusitadas e estéticas, propor novas formas de ver o mundo e apresentá-lo com registros diferenciados. É uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. É a experiência dos sujeitos que se faz coletiva. (PIMENTEL, 2015, p. 97).

Penso que o ensino/aprendizagem de Artes Visuais seja fundamental para a formação do indivíduo nos aspectos cognitivos, sociais, culturais e emocionais. Espera-se que o professor de Artes Visuais proporcione ao aprendente experiências estéticas e significativas que estimulem e desenvolvam sua capacidade de fruição e compreensão das imagens. Além disso, que proporcione condições e ações com as

quais o aluno possa expressar suas ideias e sentimentos e se virem transformados pela experiência.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece... Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (BONDÍA, 2002, p. 21).

## **1.2 Percurso como professora de Artes Visuais no Ensino formal**

Desde o início da minha vida profissional no ensino/aprendizagem de Artes Visuais para uma educação formal, sempre tive paixão em ensinar. As aulas de Arte tanto na rede privada como na rede pública de Belo Horizonte contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Durante a graduação, eu já era funcionária pública concursada do INSS, mas o trabalho administrativo que desempenhava não me realizava. Precisava encontrar outro trabalho que eu pudesse exercitar a minha criatividade.

Em 1991, fui selecionada em concurso público para o ensino de Educação Artística na Prefeitura Municipal de Contagem. Iniciei uma trajetória para o Ensino Fundamental I, antiga 1ª a 4ª série. Logo que iniciei as atividades, senti a necessidade de criar um espaço para a realização das aulas de Artes Visuais. Como dar conta de tanta demanda (16 turmas) e conseguir dar uma aula de qualidade? Tive que me organizar e descobrir espaços ociosos na escola. Havia um auditório desativado e com a ajuda da direção, funcionários e pais fizemos uma faxina e organizamos o local. Transformamos aquele espaço em um ateliê/teatro. As crianças de 7 a 10 anos chegavam com muita alegria e descontração para esse novo espaço da escola que se abria para elas.

Naquela época, já percebia que as imagens dos painéis e os desenhos das crianças seguiam um mesmo padrão. Desenhos prontos para colorir, painéis cheios de coelhinhos iguais, reproduzidos, com babadinhos de papel crepom em volta e muitos desenhos de gibis nacionais. Os alunos tinham o hábito de tirar cópias tanto de mapas, como de imagens para ilustrar os livros de Literatura que liam na biblioteca. A partir desta percepção do ambiente estético da escola, planejei um projeto de

construção de histórias simbólicas utilizando contos de fada da literatura infantil, que eles já conheciam. Iniciei com a contação da história clássica do Chapeuzinho Vermelho. Após esse momento, os alunos começaram a criar símbolos para cada personagem, a partir do recurso da colagem de papel fantasia sobre papel tamanho A4 comum. Exemplificando como foi feito o processo de criação, os alunos fizeram um índice com uma imagem simbólica para cada personagem. Com esses elementos, confeccionaram pequenos livros de reconto somente com imagens, tamanho meio ofício e com 8 páginas cada um. Os conteúdos trabalhados nesse projeto foram: forma, símbolos, cores, bidimensão, proporção, composição no espaço. O objetivo maior desse trabalho era que os alunos e professores percebessem que havia uma maneira de se expressar, com os recursos disponíveis da escola, criando imagens no lugar de cópias das mesmas figuras estereotipadas. Nesse sentido, ficava atenta ao projeto pedagógico da escola e fazia um planejamento dialogando com as professoras das classes, mas reforçando o conteúdo de Artes Visuais. Outras histórias vieram.

Após três meses na escola, fui selecionada pela Secretaria de Educação de Contagem (SEDUC), como coordenadora geral de ensino de Arte para mais de cem escolas. Foi um desafio, considerava-me muito nova para o cargo, com pouca experiência em escola pública, mas com muitas ideias e vontade de acertar. Aceitei e fiquei quase quatro anos desenvolvendo projetos, oferecendo cursos para educadores de Artes Visuais e acompanhando professores na sua prática pedagógica, em cada escola visitada. Registramos experiências significativas e escrevemos um currículo de Arte (Visuais, Teatro, Música) para a SEDUC, em 1992.

Já na Prefeitura de Belo Horizonte, iniciei em 1994, como professora de Educação Artística concursada na Escola Municipal Aminthas de Barros (EMPAB). Passei por uma seleção interna e entrei como professora formadora na Secretaria de Educação de BH (SMED), atuando na formação de professores junto à equipe de 3º ciclo de formação do Centro de aperfeiçoamento de professores (CAPE), de 1995 a 1998. Participei da construção do Projeto Escola Plural, que foi implantado na SMED, na década de 90. Era um programa de caráter educativo, que propunha novos parâmetros de avaliação, passando de notas para conceitos, mudando o modelo seriado para ciclos de formação, valorizando as experiências dos professores e o conhecimento prévio do aluno.

Além de participar de seminários e oferecer cursos de formação para professores no ambiente da SMED, atuava no Cape-itinerante, disponibilizando cursos para professores em seu ambiente de trabalho. Nesses cursos, priorizávamos a interdisciplinaridade, e quando a escola demandava algum tema relacionado à área de Artes Visuais, planejava e executava de tal ação pedagógica. Propunha atividades que provocavam interações entre os docentes, estimulando a socialização dos seus conhecimentos. Participei da criação, escrita e ilustração de um jornal interno impresso da SMED, o Carpe-Diem, que circulou durante uns 3 anos pelas escolas da Rede Municipal de Ensino (RME), com o objetivo de divulgar os acontecimentos educacionais da SMED, além de notícias culturais internas e externas à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH).

Em 1998, retornei para a EMPAB, na qual era lotada, na Regional Oeste de BH, local onde trabalhei por muitos anos, entremeando com experiências na rede particular, Colégio Marista Alphaville e BEPREM/PBH. Minha atuação no ensino/aprendizagem de Artes Visuais para adolescentes do 2º e 3º ciclos na EMPAB oscilou entre momentos criativos e prazerosos, com momentos de dúvidas e dificuldades em atingir o aluno nas suas reais necessidades cognitivas e emocionais. Hoje percebo que muitas vezes nós, professores, planejamos atividades pensando ser o melhor para o aluno daquela faixa etária, mas nem sempre conseguimos alcançar nossos objetivos. Temos que repensar nossas práticas constantemente. Ressalto que algumas aulas tiveram mais êxitos e envolvimento dos alunos do que outras.

Desenvolvi um projeto de Pintura em tela com as turmas de 9º ano, com a duração 3 meses (de setembro a novembro), na EMPAB, entre 2009 e 2016. Importante ressaltar que a maioria dos alunos participava das minhas aulas desde o início do ciclo, há quase 3 anos. Nessas aulas, posso avaliar que houve construção de conhecimento de muitos conteúdos de Artes Visuais. Iniciei propondo o estudo do Renascimento, a observação de obras, a vida e obra de Leonardo Da Vinci porque os alunos tinham interesse em saber de onde surgiu a perspectiva.

Através do estudo dos artistas renascentistas e seus ideais racionalizantes, é possível observar o desenvolvimento do início da teoria da arte. A técnica de perspectiva passou de uma observação da natureza a um verdadeiro código de visualidade da representação espacial. (OLIVEIRA; MOREIRA, 2014, p. 169).

Propunha sempre nas aulas a observação das formas, as cores, os conceitos de dimensões: altura e largura, as proporções, as texturas, a composição da obra no espaço, a profundidade o tema e o contexto das obras. Importante ressaltar que outras obras dessa época já tinham uma nova organização tridimensional em um suporte plano. Traçamos um paralelo entre a bidimensão e a tridimensão, utilizando obras de Da Vinci, desde a pintura até as suas engenhosas criações tridimensionais, como as Máquinas Civis e a Bicicleta.

Os alunos perceberam que ao criar A Última Ceia ou mesmo a Mona Lisa, o artista fazia anteriormente à pintura todo um estudo sobre a profundidade da obra, com desenhos geométricos minuciosos e matemáticos, que caracterizaram o Renascimento. Após esses estudos, propus alguns desenhos nas aulas, utilizando perspectivas e pontos de fuga, que causam uma ilusão de profundidade em uma superfície plana da obra. Eles utilizaram esse recurso, estilizaram as formas encontradas na obra e deram novas cores para as suas produções artísticas. As imagens abaixo mostram esse processo.

**Figura 1.** Leonardo da Vinci, A última Ceia, 1495-1498, Afresco, 460 x 880 cm, Igreja Santa Maria Delle Grazie, Milão, Itália.



Fonte: Web Gallery of Art ([www.wga.hu](http://www.wga.hu)).

**Figura2** – Registro fotográfico, 2009.



Fonte: Jônia Vieira

Fazendo um contraponto com o Renascimento, passamos para o Modernismo e estudamos o Cubismo e o Surrealismo. Importante esclarecer que as aulas não seguiam a linha do tempo histórico de forma linear. O objetivo principal dessas aulas era mostrar que antes da invenção da fotografia, no século XIX, os artistas retratavam as imagens vistas com mais realismo. Depois disso, alguns deles passaram a expressar-se nas obras de forma mais subjetiva, com uma carga emocional maior, decompondo ou distorcendo as imagens ou mesmo criando imagens inexistentes no plano real. Nesse momento, introduzi e contextualizei o Cubismo. O Cubismo foi um movimento que iniciou em 1907, em Paris, que distorcia e desconstruía as formas e negava a profundidade.

Considerado um divisor de águas na história da arte ocidental, o cubismo recusa a ideia de arte como imitação da natureza, afastando noções como perspectiva e modelagem, assim como qualquer tipo de efeito ilusório [...] Não se imita aquilo que se quer criar. (CUBISMO in: Itaú Cultural, 2020)<sup>1</sup>.

Refletimos sobre a importância da criação na nossa vida e da expressão daquilo que somos. Mostrei a eles imagens de alguns artistas e precursores do Cubismo, como George Braque e Pablo Picasso. Estudamos o Surrealismo, que surgiu na Europa

<sup>1</sup> ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3781/cubismo> Acesso em: 13 fev.2020.

em 1914 e procurava representar imagens oníricas, simbólicas e supra reais. Vimos os artistas Salvador Dali e Frida Kahlo.

Durante e após esses estudos, os alunos fizeram vários desenhos de criação no papel A4, escolheram um e esboçaram em uma tela 30 x 40 cm. Sem pressa para acabar a criação, eles pintavam uma parte da tela em cada aula. Iniciamos pelo fundo, utilizando tinta acrílica, bandejas de isopor, pincéis variados, e uma música de inspiração ao fundo. Percebo hoje que os materiais didáticos pedagógicos vão além da cola, pincel e tesoura. O próprio espaço que ocupamos, as pesquisas na biblioteca, a sala de vídeo e informática, as aulas externas da escola, os livros, as excursões em museus, os grafites na rua, tudo isso faz parte do acervo didático do professor. Foram aulas de muito envolvimento e normalmente eles não queriam sair da sala no momento do sinal. Eram apenas 2 aulas de 1 hora por semana. Todo final de ano fazíamos exposição dos trabalhos produzidos durante o ano na Mostra Cultural interna da escola. Seguem as imagens de alguns trabalhos finais dos alunos do projeto de Pintura em Tela, expostos em 2009, na EMPAB:

**Figura 3.** Registro fotográfico (2009)



Fonte: Jônia Vieira

**Figura 4.** Registro fotográfico (2009)



Fonte: Jônia Vieira

**Figura 5.** Registro fotográfico (2009).



Fonte: Jônia Vieira

Pode ser observado na Fig.3 que o aluno quis retratar uma imagem do seu cotidiano, se posicionando na imagem produzida como uma fotografia do ambiente onde morava. Na Fig. 4, pode ser percebida uma movimentação corporal entre duas meninas. A aluna era ginasta e expressou bem o seu jeito de ser em uma produção lúdica. Já na Fig. 5, a aluna teve influência da obra de Salvador Dalí e se retratou segurando um relógio derretido com números e ponteiros fora da ordem. Lembro-me que ela detestava seguir horários.

Além da exposição, outro instrumento importante de avaliação dos trabalhos era a criação do portfólio/pasta de Artes Visuais durante as aulas. Toda produção no tamanho A4 ou menor, criada nas aulas ou em casa, era colocada com título e data em uma pasta. Essa era uma forma do aluno se organizar e avaliar seu percurso.

### **1.3 Introduzindo as Artes Visuais na educação não formal**

A educação não formal tem crescido no Brasil atualmente, tomando grandes proporções. Percebo um aumento do número de ONGs, Centros Culturais públicos, Escolas Abertas em escolas públicas, dentre outros espaços, que oferecem cursos livres. Dentro desse contexto, é possível observar que a área de Arte em geral e Educação Física são as mais solicitadas para a oferta de cursos. Existe uma demanda da educação não formal para o público infantil, juvenil e sênior, principalmente nas capitais do país.

A educação não formal complementa a educação formal, mas ela não se limita aos conteúdos educacionais do BNCC. Na área de Artes Visuais, ela pode atuar com o objetivo de aumentar o repertório imagético do aluno, ampliar o seu conhecimento de mundo e propiciar uma expressão pessoal. Para Franz (2007), “é necessário conhecer e fazer uso também de metodologias que ajudem as pessoas a entender o mundo multicultural da arte e da cultura visual, ampliando, assim o olhar sobre a sociedade contemporânea”. (p.1185). A metodologia utilizada nesses espaços depende muito do contexto em que se inserem.

A educação não formal não se preocupa com uma avaliação nos moldes do ensino formal, com provas e notas. Podem ser feitas reflexões, dialogando com percepções

e conceitos do aluno e avaliar se os objetivos propostos foram contemplados ao final de algum curso ou projeto.

Em relação aos centros para pessoas idosas, os alunos que procuram pelo ensino informal geralmente já possuem uma formação escolar. É possível observar que alunos de vários níveis de instrução costumam se encontrar em algum curso com o propósito de aprenderem um conteúdo em comum e se socializarem.

## 2. O ENSINO DE ARTE E O TRABALHO

### 2.1 Contextualizando o ambiente de trabalho:

Trabalho com o ensino não formal de Artes Visuais no Centro de Referência da Pessoa Idosa (CRPI), da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), desde 2010. Este Centro faz parte da Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC) e está situado na região noroeste de BH. O CRPI foi inaugurado em 2009, com o objetivo de atender uma demanda de um grupo de idosos que desejava organizar um espaço, com atividades físicas e culturais diversificadas. Os programas e ações desenvolvidos pela SMASAC têm o objetivo de promover a defesa dos direitos da pessoa idosa e criar programas de enfrentamento da violência. O atendimento oferecido por este equipamento público visa criar condições para o envelhecimento saudável, com autonomia e dignidade dos usuários. Através da participação em atividades socioeducativas, culturais e de lazer, no CRPI, os idosos são incentivados a fazerem suas próprias escolhas e a resgatarem projetos que se perderam ao longo da vida.

Nesses dez anos de existência, o CRPI sempre procurou oferecer cursos e oficinas para os idosos, nas áreas de: Artes Visuais (Pintura em tela e tecido, artesanatos como decoupage, bordado, crochê e tricô, Oficinas de criatividade), Esportes (ginástica com e sem aparelhos, *Liang Kong*, caminhadas) Dança (de salão, dança livre, dança cigana, dança sênior), Teatro (jogos teatrais, criações cênicas e apresentações internas e externas) e Música (aulas de violão, coral e apresentações musicais), além da EJA e Informática. Atualmente ampliou para alguns projetos como a construção da horta comunitária, oficina de jogos de tabuleiro e aulas de yoga.

No CRPI existe um acolhimento inicial do idoso pela equipe dos Analistas em Políticas Públicas, que são Psicólogos e Assistentes sociais. O Centro de Referência ocupa um espaço bem grande no bairro Caiçara e atende a um público médio de 350 pessoas por dia. Em alguns momentos pontuais de eventos, como carnaval, dia do idoso e festivais, estima-se receber mais de 1200 pessoas em um dia, com apresentações de música, dança, teatro e exposições.

## 2.2 As aulas de Artes Visuais no Ensino não Formal.

Trabalho com o Ensino/Aprendizagem de Artes Visuais para uma educação não formal dentro do CRPI. Atendo a um público de pessoas acima de 50 anos, em sua maioria mulheres e aposentados. Estas pessoas procuram o CRPI com o intuito de socialização e conhecimento. Dentro do Ensino/Aprendizagem de Artes Visuais, sou responsável pelas aulas de Pintura Acrílica em Tela para 4 grupos de 12 pessoas em média. As aulas são semanais, com duração de 2 horas por grupo e funciona como um *ateliê* de Pintura. Nessas aulas, cada aluno escolhe o tema que quer desenvolver e o tamanho da sua produção. Atuo em uma sala multiuso, onde acontecem aulas para a EJA (Educação de jovens e adultos) pela manhã e aulas de Pintura à tarde. A sala possui mesas individuais, cadeiras, cavaletes, armários, prateleiras e pia próxima ao ambiente. O espaço físico do CRPI nos inspira, com bastante área verde do ambiente, uma linda horta vista da janela da sala e dos grafites<sup>2</sup> (pinturas) nas paredes internas e externas, realizados por artistas de Belo Horizonte e Contagem/MG.

**Figura 6** – Registro CRPI, 2019



Fonte: Jônia Vieira

**Figura 7** – Registro CRPI, 2019



Fonte: Jônia Vieira

Na minha percepção, a grande diferença entre o ensino formal e o ensino não formal é a liberdade que temos para atuar como professores. A educação não formal é mais livre porque não precisamos seguir os conteúdos estabelecidos pelo BNCC/MEC e nem fazermos avaliações reguladas por normas acadêmicas.

<sup>2</sup> Os grafites foram realizados no CRPI, em 2018, dentro do projeto Gentileza da PBH. A imagem da figura 6 mostra a imagem da Arara, criada e executada pelo artista Rodrigo Scalabrini (Kaos) e a figura 7 mostra a pintura de um retrato de usuário já falecido, criada e executada pelo artista Eli Costa.

Os idosos procuram o CRPI para uma socialização, vivência e/ou conhecimento prático de alguma oficina. No meu entendimento, o objetivo do ensino aprendizagem de Artes Visuais nessas instituições precisa ir além da mesmice, de criar modelos estereotipados de artesanatos, ou desenhos prontos para colorir, que qualquer profissional sem uma formação adequada possa oferecer.

O curso de Pintura que proponho visa aguçar a percepção dos idosos com ou sem experiências estéticas anteriores, vivenciando o exercício do conhecimento em Artes Visuais e ampliando o seu repertório imagético. Essa construção de conhecimentos em Artes Visuais no CRPI acontece de forma diferente de uma escola formal. Primeiro porque as aulas são mais longas, sem interrupções de sinais de término, garantindo um tempo para aprofundamento maior dos conteúdos ensinados e vivenciados. Segundo, porque os alunos não frequentam as aulas por obrigação e sim por gostarem, quererem estar no ambiente e perceberem o seu crescimento. Essas experiências vividas no CRPI são formadoras e levadas para a vida.

Em relação aos conteúdos de Artes Visuais, priorizo os elementos da composição no espaço bidimensional: o traço, a proporção, a profundidade, a textura, as cores, o volume. Baseamos em trabalhos de outros artistas, de acordo com as escolhas dos alunos e de fotografias registradas por eles de ambientes preferidos. Constantemente, proponho que pausem a produção das telas e observem o trabalho de longe, para perceberem a criação como um todo e os elementos da composição. Os alunos ficam atentos ao processo de criação, alguns fazem registros fotográficos com o uso do celular, outros fazem comentários sobre suas percepções, acerca da pintura que estão realizando.

O intervalo de 15 minutos para o café acontece dentro da sala, sendo um momento formador e de interação entre todos. Algumas vezes um aluno gosta de ler um poema ou fazer uma reflexão. Faço uma observação que no meio do *burburinho* desse lanche coletivo organizado pelo grupo, existe aluno que fica tão concentrado que não consegue parar de pintar. Tudo isso, torna o ambiente da nossa sala de aula bem descontraído, conforme registro fotográfico abaixo.

**Figura 8** – Registro do lanche coletivo durante a aula de Pintura do CRPI.



Fonte: Jônia Vieira, 2019.

Ao pensar nessas possibilidades de educação não formal de ensino/aprendizagem em Artes Visuais, faço uma reflexão sobre o quanto esse espaço pode agregar conhecimento e afetividade. Como o encontro com o outro nos acrescenta e nos faz aprender. Fico pensando como o aluno busca o conhecimento nessas aulas. Como ele estabelece relações e como as intervenções do professor podem estimular esse aluno para uma produção artística mais autoral. Proponho na minha prática pedagógica, que o aluno seja atento e investigador das suas próprias práticas artísticas, percebendo o que gosta, o seu estilo e sua maneira de expressar.

Alguns idosos já me relataram que depois que entraram no curso estão assistindo a vídeos de artistas ou lendo biografias pela internet em casa. Percebo que esse interesse foi despertado a partir das aulas de Pintura. Outro fato ocorrido foi de alguns idosos repassarem o conhecimento adquirido e/ou construído para algum familiar, geralmente para os netos. A relação intergeracional muitas vezes está presente na sala de aula, seja com a visita de estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio de escolas regulares, seja pelos parentes dos alunos que costumam frequentar o CRPI.

Outra questão que considero importante no contexto das aulas, seja no ensino formal ou não formal é o aluno se considerar pertencente àquele grupo, criando laços de identificação com as pessoas envolvidas. Acredito que a arte não está dissociada aos processos do viver, pois por meio dela damos sentido às nossas vidas e temos uma exata sensação de pertencimento social. Os idosos que

participam dos grupos criam vínculos de amizade e de troca de conhecimentos e de experiências de vida. Uma observação que faço sobre o interesse dos idosos em participar e opinar sobre um projeto é o exercício do protagonismo sênior. O que seria esse protagonismo, já que em algumas décadas atrás, um adulto de 50 anos seria considerado velho para a sociedade?

Baseando-se na etimologia da palavra Protagonismo (Proto = principal, primeiro; agon = luta; agonistes = lutador), considera-se protagonista um ser que atua diretamente no processo de desenvolvimento pessoal e de transformação da sua própria realidade assumindo um papel central, ou seja, de ator principal. (COSTA, 2006, p. 01)

Nesse contexto, percebo idosos assumindo papéis centrais, emitindo opiniões sobre problemas reais, sugerindo projetos sociais, empenhando para que o grupo siga em frente e não desanime, enfim participando de forma autêntica das aulas. Tudo isso leva a um fortalecimento de vínculos entre os alunos. Esses vínculos aguçam e fortalecem o lado emocional do indivíduo. Por isso, percebo o potencial transformador de cada um, por meio da Arte. Houve relatos de aluna que pretende ser voluntária e escreveu um planejamento para dar aula de Pintura em uma creche da cidade. Outros alunos registram exposições, ou obras vistas em lugares diferentes, como consultórios médicos, ou em outras cidades e países visitados, trazendo essas imagens para a sala.

Outro aspecto que considero positivo e estabelece um maior vínculo com os alunos do CRPI é a questão do tempo que eles permanecem no curso. Como não temos seriação e/ou ciclos nos moldes do ensino formal, as aulas funcionam como um ateliê de Pintura. Em relação a isso, cito a fala de uma das alunas mais antigas da sala: *“aqui pra mim é uma paz, onde eu encontro refúgio, lugar para criar e conviver”* (aluna A, 70 anos). Outra aluna com 1 ano de curso: *“Fico contando os dias para chegar quarta feira, para vir para a aula”*. (aluna B, 68 anos).<sup>3</sup>

Essa convivência com idosos através do ensino de Arte é uma experiência pedagógica muito rica, humana e prazerosa, tanto para quem ensina, como para o aprendente. Relacionar a arte com o viver é revelar o dinamismo da própria vida, muitas vezes despertando fatos até então despercebidos por quem os produz.

---

<sup>3</sup> A aluna A não configura nome próprio. Usei essa identificação para preservar a identidade da pessoa mencionada. Idem para aluna B.

Outra ação que destaco aqui como positiva nos grupos de Pintura são as visitas em museus e galerias da cidade. Já visitamos diversas exposições do Circuito Liberdade em BH, dentre outros. Considero essas visitas como uma continuação das aulas de Pintura em outro local, com imagens reais, conteúdo e reflexões pertinentes ao ensino/aprendizagem de Artes Visuais.

Na última visita que fizemos no dia 01 de novembro DE 2019 ao CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) com os grupos de Pintura em tela e Artesanato, conhecemos de perto a obra de Paul Klee (1879-1940). Essa foi a primeira exposição desse artista alemão/suíço na América Latina, trazendo mais de 100 obras do acervo do *Zentrum* Paul Klee, entre desenhos, pinturas, fantoches e gravuras. Ele pertenceu aos estilos Cubista, Construtivista e Realista. O título da exposição é “Equilíbrio Instável” e percebemos que o lema do artista era “*a arte não reproduz o visível, torna visível*” (REY apud Klee, 1996, p.88). Ou seja, se libertar de uma arte que quisesse apenas reproduzir as imagens visíveis.

Fomos recebidos e guiados, durante a visita, pelo setor educativo do Museu. Inicialmente, passamos por um momento de criação, em um ambiente descontraído, onde utilizaram o recurso de músicas clássicas ao fundo para nos inspirar e perceber o ritmo. Fizemos pinturas livres com utilização da aquarela sobre papel, em pequenos formatos. Participei desse momento como aluna.

**Figura 9** – Registro Fotográfico no CCBB, 2019.



Fonte: Jônia Vieira

Logo no início da apreciação das obras houve uma determinada polêmica após o comentário da aluna C: “*o artista pinta como uma criança, sem preocupação com a forma*”. O educador do museu que acompanhava o grupo abriu uma reflexão

sobre o assunto, dizendo “*que o artista cria sua obra como quer e cada visitante enxerga e entende do seu jeito*”. Acrescento que na medida que ampliamos o nosso conhecimento sobre a História da Arte, o nosso olhar e entendimento também ampliam.

**Figura 10** – Registro Fotográfico no CCBB, 2019.



Fonte: Jônia Vieira

Percebemos na obra de Paul Klee uma leveza nas cores, a expressão de padrões gráficos, misturando formas abstratas e figurativas. Ele soube imprimir em sua obra o seu estilo pessoal, expressando seus sonhos, crenças e experiências vividas.

Analisar obras de Arte vai além de ampliar o olhar estético, sensível e poético do aluno, ampliando também as análises sociológicas, históricas, culturais de uma época. Por isso, após cada exposição visitada faço uma roda de conversas na sala de aula, sobre as percepções e fruições de cada aluno sobre as obras vistas, dialogando e esclarecendo sobre o contexto vivido pelo artista.

Em relação ao ensino/aprendizagem de Pintura no CRPI, percebo que cada aluno já vem para a aula com um desejo. Muitas vezes já havia um sonho antigo de pintar telas, mas não sabia por onde começar. Uns querem fazer apenas um quadro decorativo para o neto e acaba descobrindo outras imagens para desenvolver, outros querem aprender a pintar retratos, paisagens etc. Percebo que os alunos já trazem em sua bagagem, as suas histórias de vida. Sendo assim, basta ligar o *start*, no tempo de cada um.

Fico observando a trajetória de uma aluna (D), 65 anos, que frequenta o Centro há uns 4 anos. Ela entrou para a aula com um pedido de urgência (não aguardando a lista de espera) pois estava se recuperando de uma cirurgia, com sintomas de

depressão. O médico sugeriu que ela realizasse algum sonho que tinha desde a infância. Ela pensou que precisava aprender a pintar e assim iniciou nas aulas pintando flores, a cada tela uma flor diferente, mas com preferência para os girassóis.

Analisando sua trajetória de trabalho, hoje é aposentada, ela sempre foi florista, ora criando buquês naturais para casamentos, ora lembrancinhas em biscuit. Esse desejo de pintar flores, de investigar outros artistas, de ensinar o que aprende nas aulas para a neta é uma experiência que trouxe a idosa para o presente, para o prazer em aprender, em se expressar através da arte, em viver. Atualmente essa aluna está bem e com muitos projetos em mente, apropriando-se da arte como uma meta de vida.

A aluna (E), 60 anos, nasceu no interior de Minas Gerais e gosta muito de pintar casas barrocas e retratar o meio ambiente. Hoje é bióloga, mas quase optou por Belas Artes. Como professora de Ciências, costuma utilizar suas habilidades e o que aprende nas aulas de Pintura para desenvolver suas aulas práticas, estabelecendo um diálogo entre as duas áreas de conhecimento. Procura fazer maquetes com materiais naturais e reciclados e trabalhou com técnicas de monotipia de folhas nas suas aulas. São processos de criação vivenciados inicialmente no CRPI.

Importante ressaltar que durante a minha prática docente, as narrativas de memória dos alunos sempre estiveram presentes. Da mesma forma que retratei alguns fragmentos de singularidades dos alunos, aliados às suas histórias de vidas, pretendo estender para o estudo biográfico de duas artistas que considero fortes referências para esse trabalho. Considero que as histórias de vida de Louise Bourgeois e Frida Kahlo influenciaram fortemente as suas respectivas obras.

### 2.3 Biografia das artistas: Louise Bourgeois e Frida Kahlo

Sabe-se que o objetivo geral desse trabalho é o de estabelecer conexões entre o ensino/aprendizagem de Artes Visuais com os princípios da Abordagem Triangular, a partir de registros autobiográficos de artistas visuais. Este tema foi pensado com a finalidade de relacionar o fazer artístico com histórias de vida, com referência em análises sociológicas, históricas, culturais de uma época.

Referenciar a biografia dessas artistas é intencional nesse trabalho, pela força das suas obras e por retratar a própria existência de forma catártica e plena. Ambas mulheres, nascidas no início do século XX, com produções denominadas surrealistas, mas na verdade diferenciadas e bem contemporâneas. Importante ressaltar que ambas não se consideravam surrealistas.

Lembro-me da força da obra “Mamam” de Louise Bourgeois (1911-2010), que conheci quando a vi no MAM, em São Paulo. Desconhecia a sua história de vida e hoje ao saber da sua trajetória, dos traumas familiares e da forma que isso reverberou em sua obra, criando uma identidade, a admiro mais ainda.

**Figura 11** – Fotografia de Louise Bourgeois



Foto: Jeremy Pollard.

**Figura 12** - Obra: “Spider”, 1991



Fonte: Fundação Iberê Camargo<sup>4</sup>

Louise Bourgeois nasceu em Paris, em 1911 e faleceu aos 98 anos, em Nova York, em 2010, onde tinha seu ateliê. Viveu intensamente por quase todo o século XX. O conteúdo de suas obras esteve atrelado às suas histórias pessoais. “Ela usou suas emoções como matéria-prima da sua obra, percorrendo temas como a sexualidade e a memória”. (<https://arteref.com/arte-no-mundo>).

<sup>4</sup> Imagens disponíveis em: <http://iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/> Acesso em 21 jan. 2020.

Em 1922, seu pai, contratou uma professora de Inglês para ensinar a família que logo teve um caso de uma década com ela (entre outras mulheres) [...] O seu silêncio sobre essas traições afetou profundamente Bourgeois. Inseparável disso, ela nunca perdeu seu drama, ela disse uma vez: Todo o meu trabalho dos últimos cinquenta anos, todos os meus assuntos, encontraram inspiração na minha infância e nos meus traumas. (ARTE/REF, 2019, p. 01).<sup>5</sup>

Ela tinha um diário desde os 12 anos de idade, que registrava com imagens e palavras os acontecimentos da sua vida e os seus sentimentos.

Sua avó materna tinha um ateliê de restauração de tapeçaria, onde sua mãe trabalhava e Louise lidava com fios e formas.

No início da década de 1930, Louise Bourgeois estudou matemática e filosofia na *Sorbonne*. Depois da morte de sua mãe, em 1932, começou a estudar arte, se matriculando em várias escolas e ateliês, incluindo a *Ecole des Beaux-Arts*. Seu primeiro apartamento em Paris ficava na Rue de Seine, no mesmo prédio de André Breton, da *Galerie Gradiva*, onde se familiarizava com o trabalho dos surrealistas. Em 1938, começou a exhibir suas obras no *Salon d'Automne* e abriu a própria galeria em uma área separada do showroom de tapeçarias de pai, exibindo impressões e pinturas. Em sua curta carreira como negociante de arte, conheceu o historiador de arte Robert Goldwater, com quem se casou e se mudou para a cidade de Nova York em 1938. (FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO, 2019, p. 03).<sup>6</sup>

A sua obra inclui desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, performances e instalações. O tema central da sua obra reflete a relação construída com o seu pai e a sua mãe. Uma das obras mais conhecidas da artista é “*Spider*”, uma aranha que ficou instalada desde 1997 no MAM, em São Paulo. Essa obra simbolizava a proteção da mãe pela figura da aranha.

A aranha é protetora, a nossa protetora contra os mosquitos. [...] A outra metáfora é que a aranha representa a mãe. A minha mãe era a minha melhor amiga. Ela era inteligente, paciente, tranquilizadora, delicada, trabalhadora, indispensável e, sobretudo, ela era tecelã – como a aranha. Para mim, as aranhas não são aterradoras. (FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO, 2019, p.02).

<sup>5</sup> Por equipe editorial do ARTE/REF, *Market place* e notícias em arte contemporânea. Título: “Como ser um artista segundo L. Bourgeois”, 2019. Disponível em: <https://arteref.com/arte-no-mundo/como-ser-um-artista-segundo-louise-bourgeois/>Acesso em 01 Fev. 2020.

<sup>6</sup> Artigo da Fundação Iberê Camargo. Título: “Louise Bourgeois, uma vida que entrou para história da arte”. Disponível em: [iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/](http://iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/)Acesso em: 01 Fev. 2020.

Faço uma analogia entre o trabalho de restauração em tapeçaria da família com a figura da aranha que produz sua teia. Como memória e arte se fundem nessa obra.

**Figura 13** – Retrato de Frida Kahlo (1925)



Fonte: Victoria & Albert Museum  
(<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-44876258>)

Já em Frida Kahlo eu percebo a precisão na expressão dos traços, aliada à traumática vivência após o acidente de carro, que a impediu de ter filhos e limitou seus movimentos. Ela produziu uma obra intensa, expressando retratos com sentimentos, imagens de abortos e muitas dores de amores, quase sempre de forma simbólica e pessoal.

Frida Kahlo, “nome artístico de Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, nasceu na vila de Coyoacán, no México, em 1907 e morreu em 1954 no mesmo lugar” (KETTENMANN, 2003, p.7). Aos 6 anos, contraiu poliomelite, o que a deixou fragilizada. Aos 18 anos, sofreu um grave acidente: “um autocarro chocou com um elétrico e várias pessoas sofreram morte imediata” (KETTENMANN, 2003, p. 17).

Ficou um longo tempo no hospital e quando foi para casa, ainda acamada, seus pais lhe deram telas, tintas e pincéis, pois seu colete de gesso já estava todo desenhado. Um ano depois ela registrou o acidente que mudaria sua vida. Durante a sua recuperação, Frida levou seus quadros para o pintor e muralista Diego Rivera avaliar se ela poderia se tornar uma artista profissional. Ficaram muito amigos e ele elogiou o seu jeito de pintar como autêntico. Aos 20 anos, casa-se com Diego Rivera e logo

após engravidada, mas sofre um aborto. Frida retratou suas experiências de vida em suas obras. Em 1939, pintou a tela “As Duas Fridas”, que trata das duas personalidades sentidas e representadas pela artista. Uma com roupa tehuana e outra mais europeia. “Frida entendeu o poder da vestimenta desde muito cedo”, explica a cocuradora Circe Henestrosa apud Baker<sup>7</sup>:

“Após ter pólio, ela ficou com uma perna atrofiada e mais curta, o que a levou a escolher saias longas” [...] “Isso mostra como ela construiu uma relação entre seu corpo e vestuário desde cedo. Ao usar os autorretratos e vestidos tradicionais mexicanos para se estilizar, Frida lidou com sua vida, suas visões políticas, suas batalhas de saúde, seu acidente e seu casamento turbulento”. (BAKER, 2018, p. 04)

Em 1940, pintou “Auto-Retrato com cabelo cortado” logo após se separar de Diego e vestir-se com um terno e de cabelos cortados. Em 1944, pintou “A coluna Partida”, um autorretrato cuja coluna aparece exposta e quebrada e seu corpo cheio de pequenos pregos. Sua saúde havia piorado. Pintou muitos retratos e autorretratos. Teve sua obra exposta no Louvre. Não se considerava surrealista, embora os críticos da época a considerassem, ela dizia: “nunca pinte sonhos e sim minha própria realidade”. (KETTENMANN, 2003, p. 18).

Ao analisar aspectos da vida das duas artistas retratadas acima, torna-se difícil separar as próprias biografias das obras de arte criadas por elas. Percebo como os acontecimentos e as adversidades da vida influenciaram na produção de obras tão fortes e autênticas. A direção de suas trajetórias se definiu pela percepção e expressão da difícil realidade que viveram e da forma que isso reverberou em suas obras. Louise passou por muitos problemas familiares em relação ao pai e mãe, enquanto Frida, além de problemas conjugais, atravessou sérios problemas de saúde. Tudo isso refletiu na obra das duas artistas com um forte tom de contemporaneidade. As obras parecem atuais. Ambas mulheres da mesma geração, nascidas no início do século XX, momento em que os homens dominavam não só o mundo da arte, mas todo um contexto cultural e político da época. Foram mulheres ousadas e transgressoras, com uma fragilidade física e ao mesmo tempo uma força interna encantadora.

---

<sup>7</sup> HENESTROSA, Circe, cocuradora da exposição: *Frida Kahlo: Making Her Self Up* no Museu Victoria & Albert, em Londres, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-44876258>

Para o ensino/aprendizagem de Artes Visuais, torna-se importante que o aluno perceba que a arte pode ser expressiva e cultural. A arte como cultura estimula a compreensão das obras de arte produzidas em qualquer parte do mundo. Para isso, o ensino de Artes Visuais deve abranger a interculturalidade, propiciando que o aluno perceba e interaja com diferentes códigos culturais.

É muito importante que o aluno tenha um leque de conhecimento acerca do seu próprio país e do mundo. Não se conhece um país sem conhecer a sua história e a sua arte. Além disso, as artes alargam a possibilidade de interculturalidade, ou seja, de trabalhar diferentes códigos culturais. A escola deve trabalhar com diversos códigos, não só com o europeu e o norte-americano branco, mas com o indígena, o africano e o asiático. Ao tomar contato com essas diferenças, o aluno flexibiliza suas percepções visuais e quebra preconceitos. (BARBOSA, 2016, p.03).

Ao tomar conhecimento das diferentes expressões culturais dos povos, os alunos podem perceber e ampliar suas percepções e produções visuais.

### **3. ARTE, ENSINO E EXPERIÊNCIAS**

As experiências com os grupos de Pintura do CRPI me mostram a todo instante a importância da formação e a transformação das pessoas idosas. Percebo isso na expressão das ideias e sentimentos de cada uma por meio da arte, nas observações do cotidiano, no envolvimento com a História da Arte e na articulação da experiência estética com esse momento da vida. Os alunos idosos vivem essa experiência do aprender e do vivenciar a arte no seu momento presente, sem pressa. Não buscam apenas informações ou vivem na correria do trabalho. Para refletir sobre isso, recorro à Bondía (2002), quando diz que “a experiência é cada vez mais rara, por excesso de informação, por excesso de opinião, por falta de tempo e por excesso de trabalho”. E que [...] “informação não é o mesmo que experiência” (p.21-23). Percebo que pelo fato da maioria dos alunos terem tempo e interesse, eles realmente vivem uma experiência na construção de conhecimentos estéticos durante as reflexões e o processo criador das aulas de Pintura e não apenas adquirem informações.

#### **3.1 Metodologias e experiências no ensino de Artes Visuais**

Desde o início das aulas de Pintura no CRPI, em 2010, procuro estabelecer um diálogo com os alunos, onde a oralidade, as imagens, os conteúdos, a prática e as reflexões se relacionam. Aprendi que metodologia é o nosso jeito de ensinar, com referência nos métodos apreendidos. Há muitos anos que meu lema para o ensino de Artes Visuais é trazer o mundo para a sala de aula e levar a sala para o mundo. Sempre tive a preocupação em refletir sobre a cultura visual de forma contemporânea, ligada às novas tecnologias e aos acontecimentos locais e mundiais. Tenho um enorme prazer em ensinar e apresentar um universo novo aos meus alunos. Levá-los a perceber a sintonia entre temas cotidianos e acontecimentos mundiais. Falar de uma exposição em outro estado ou país, relacionando com a obra de algum artista visto na nossa cidade, através de imagens e das mídias digitais. Um dos principais objetivos das aulas é a expansão do repertório imagético dos alunos. Minhas aulas são mais práticas do que teóricas, mas entendo que os saberes e fazeres fazem parte do ensino/aprendizagem das Artes Visuais. Em uma das aulas, observando as produções artísticas de um aluno,

percebi a sua tendência para uma arte mais primitiva. Mostrei a ele as obras de Antônio Poteiro (1925-2010) e expliquei sobre a Pintura *Naif*, que se caracteriza por composições planas, sem regras de perspectivas, muitas cores e detalhes nas figuras. Outros alunos se aproximaram para ver e ouvir sobre o artista e sua maneira de pintar. Dessa forma, vou percebendo os estilos de cada aluno, tecendo comentários e trazendo conteúdos de História da Arte para a sala de aula, numa perspectiva mais panorâmica do que cronológica.

Outra questão importante que gostaria de abordar é a superação da cultura do belo, quando os alunos passam a enxergar a arte de forma mais abrangente, não se limitando apenas ao realismo das formas. Existe na sociedade uma cultura do belo, da arte perfeita, da perfeição próxima ao estilo renascentista. No momento em que o aluno percebe outros movimentos da História da Arte, ele rompe com esse padrão de beleza, que muitas vezes predomina na sociedade e leva esse aprendizado para a vida. Passa a ser uma nova experiência.

Percebo que a cada turma que me relaciono tenho uma nova experiência. Alguns alunos se manifestam com a fala, outros com risos e outros com o seu silêncio e/ou brilho nos olhos. Percebo o envolvimento dos alunos pelo interesse que têm em aprender os conteúdos de Artes Visuais. A experiência estética nos leva por caminhos até então nunca navegados. Uma aula nunca é igual a outra, esse é o nosso desafio diário no ensino no ensino/aprendizagem de Artes Visuais, seja ele formal ou não formal. Segue abaixo o registro de uma das aulas de Pintura do ano passado no CRPI.

**Figura 14** – Registro da sala de aula de Pintura no CRPI (2019)



Fonte: Jônia Vieira.

A convivência com a diversidade de ideias, pessoas e conceitos me faz olhar para o meu percurso de professora-artista e perceber que esse é um processo híbrido. Ao ensinar, nós professores, provocamos e somos provocados. Muito dos conteúdos propostos nas aulas de Pintura me levaram a refletir sobre o meu processo criador. Percebo que a escolha dessas artistas biografadas anteriormente faz parte de uma escolha que referencia meu trabalho como artista e pesquisadora. Essas são descobertas que o ensino de Artes Visuais nos proporciona quando estamos disponíveis para a experiência. O mesmo que proponho, eu experimento. Por mais que o ato criativo seja individual, as mediações e as trocas de percepções são fundamentais para o nosso crescimento. Olhar a estética do cotidiano junto com o outro nos amplia esse olhar.

### **3.2 Abordagem Triangular**

Percebo que a Abordagem Triangular clareou a minha forma de pensar e planejar projetos no ensino/aprendizagem de Artes Visuais. Desde o final da década de 80, quando Ana Mae Barbosa trouxe tal Abordagem, tenho um suporte para teorizar as minhas práticas e até mesmo dialogar com outras áreas do conhecimento de que forma o ensino de Artes Visuais vai além da produção artística.

A Abordagem Triangular, sistematizada por Barbosa, consiste em três ações metodológicas para a construção do conhecimento em Arte, que são: o contextualizar, o fazer e o apreciar, sem necessidade de estabelecer uma ordem entre elas. Torna-se necessário ter o cuidado para que essas ações não sejam mecanizadas e nem desconexas. É importante ressaltar que tal Abordagem está longe de ser um método padronizado, mas pode fazer parte da metodologia adotada pelo professor. O contextualizar lida com fatos que podem ampliar o conhecimento da obra acerca dos acontecimentos históricos, geográficos, políticos, culturais e sociais da época em que foi produzida.

O fazer/produzir dessa Abordagem teve uma interpretação e um entendimento mais polêmico por parte dos professores de Artes Visuais desde a década de 90, no momento que foi praticado apenas como uma releitura. Ana Amália Barbosa (2010) faz a seguinte reflexão:

O que quer dizer releitura? Reler, ler novamente, dar novo significado, reinterpretar, pensar mais uma vez. Mais uma vez fui levada a refletir sobre minha experiência. Sou artista plástica e trabalho muito com apropriação e citação, algo muito próprio de nossa contemporaneidade pós-moderna. Aproprio-me de imagens da História da Arte e incluo-as em minha obra, ou seja, tiro a imagem de seu local de origem e a utilizo para construir outra imagem. Também cito muito em meu trabalho, cito artistas de que gosto, cito situações e movimentos da História da Arte (p. 29).

Em muitas escolas ainda vejo professores de Artes Visuais se apropriarem de imagens de obras de arte e proporem sua reprodução na sala de aula. Penso que a releitura não pode ser uma cópia da obra. Posso propor aos alunos que pesquisem e se inspirem em diversos artistas, dentro de algum tema ou projeto e criar as suas próprias produções.

Contextualizar, pensar relacionar, fruir e fazer arte a partir da experiência é uma prática contemporânea para o ensino de arte, pois esse ensino exige que os sujeitos sejam protagonistas de seu conhecimento, de seu processo de criação. Para essa criação, é necessário que sejam acionados os conhecimentos já vivenciados e construídos a partir das tensões subjetivas e corpóreas, bem como, para realizar e fruir produções artísticas, articular a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão. (PIMENTEL, 2013, p.101).

Ao observar uma obra de arte, o aluno pode ampliar seu olhar sobre a diversidade das produções artísticas existentes no mundo. Já a verdadeira apreciação/ fruição não depende apenas da observação de uma obra, mas de como a experiência dessa conexão entre o observador e a obra se realiza. Ao fruir, a pessoa acessa seus canais perceptivos sobre a imagem, o conteúdo, a poética da obra, fazendo a sua interpretação e desvelando-a. Vai além de só observar, uma obra é capaz de nos emocionar ou não e de mudar nossos conceitos preestabelecidos.

### **3.3 Exposições externas dos alunos do CRPI**

A arte e a educação estética são essenciais para a educação do sujeito contemporâneo. Abre uma nova possibilidade ético-estética que traz a emoção, a subjetividade e a criatividade para a compreensão da vida. A arte precisa ir além de só despertar a sensibilidade do sujeito. Arte é cognição. Segundo Lucia Gouveia

Pimentel (2013) “a cognição pode ser definida como o conjunto estruturado de saberes que se baseiam em experiências sensoriais, pensamentos lembranças. Envolve atenção percepção, memória, raciocínio, imaginação, emoção” [...] (p.97). Através dela, desenvolvemos a capacidade crítica, permitindo a análise da própria realidade e a necessidade de mudanças. Segundo Ostrower (1987) “o Homem cria, não só porque gosta, e sim porque precisa, ele só pode crescer enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando.” (p.89). Na minha trajetória pedagógica no ensino de Artes Visuais, percebo como a arte é importante para o crescimento e tomada de consciência das pessoas acerca da arte e da vida.

Dentro do ensino não formal de Artes Visuais no CRPI, pesquisamos biografias de artistas, suas produções e contextos há muitos anos. Em 2018, escrevi um projeto que foi selecionado pelo Minas Tênis Clube (MTC) II de BH, para a exposição coletiva: “Mulheres do mundo: Jônia Vieira e suas alunas”. As obras ficaram expostas de 25/09/2018 a 25/10/2018 na galeria de arte do MTC II.

**Figura 15** – Cartaz elaborado pelo MTC para a exposição: “Mulheres do Mundo”, com a pintura “Frida Kahlo”, da professora/artista Jônia Vieira, em 2018.



Fonte: Jônia Vieira.

No coquetel de abertura do Minas Tênis Clube II, no dia 24/09/2018, nós, as 21 mulheres expositoras, sentimos uma emoção muito grande pelo fato de representar outras mulheres e de ver o trabalho de muitas mãos femininas exposto de forma profissional e harmônica em uma galeria de arte. Foi e está sendo uma experiência

significativa ver o produto de todo um processo de criação individual e coletiva, que aconteceu durante as aulas de Pintura do CRPI.

**Figura 16** - Registro da abertura da exposição no MTC II (2018)



Fonte: Jônia Vieira.

Após a temporada de exposição no Minas Tênis Clube II, estas mesmas obras foram expostas na inauguração de um novo prédio da PBH, na Avenida Afonso Pena, 342, no período de 08/03/2019 a 08/04/2019. Participamos como expositores do VIII Congresso de Psicanálise, Direito e Literatura da UFMG, sobre Vicissitudes do Envelhecer, em 20/09/2019. Por último, participamos de uma exposição mais longa no Centro Cultural da Usiminas BH, de 19/11/2019 a 19/01/2020, a convite de uma aluna desse curso CEEAV/UFMG. No momento em que escrevo, a Usiminas BH pediu a prorrogação da exposição até 14/02/2020, devido à grande repercussão e aceitação da mostra pelos funcionários e público em geral.

**Figura 17** – Registro fotográfico “Mulheres do mundo”, Usiminas BH. (2020).



Fonte: Jônia Vieira

Importante ressaltar que foi a primeira vez que participo de uma exposição coletiva com alunos, em galeria de arte. Como artista visual, tive a experiência de expor em coletivas com outros artistas em faculdades, galerias e shoppings. Com alunos, já havia participado em exposições no CRPI, na PBH e em restaurantes de BH.

Dei início às produções artísticas das alunas após a seleção do projeto, entremeando com aulas de História da Arte, em 2018. Essa ideia surgiu em 2017, durante as aulas no Centro de Referência da Pessoa Idosa (CRPI), no momento que percebi a importância de retratar mulheres que marcaram nossa história por outras que pintam e registram esse momento contemporâneo. Em relação à metodologia utilizada na preparação da exposição, propus o estudo de várias biografias de mulheres e as alunas perceberam algumas histórias que se esbarravam com as delas. Percebemos semelhanças entre a mulher retratada e a criadora, tanto no aspecto físico quanto emocional. Penso que as escolhas não foram por um acaso. Fiz uma reflexão sobre as diversas biografias, propus a observação de várias fotos, o esboço de desenhos e pinturas sobre papéis com tamanhos e gramaturas diferentes. As alunas fizeram exercícios de composição e escolheram o contexto, as formas e cores que iriam compor cada retrato. Elas utilizaram a pintura acrílica sobre tela, no tamanho 50 x 50 cm, sempre atentas à expressão individual. A criação das obras não se deu por uma lógica realista e sim por uma forma mais emocional e expressionista de retratar a mulher escolhida.

Com essa exposição, pensei em representar algumas mulheres com histórias marcantes de vida e que deixaram e/ou deixam seu legado para a humanidade. Lembrando que a mulher passou a ser valorizada e conquistou um papel muito importante na sociedade e no mercado de trabalho, mas infelizmente, ainda existem muitos casos de preconceitos e violência contra a mulher atualmente.

Foram várias as mulheres escolhidas e retratadas, além da Frida Kahlo, a Maria da Penha, as escritoras Cecília Meireles, Clarice Lispector e Cora Coralina, a menina Malala, a Marielle Franco, a Maria de Nazareth, a Madre Tereza de Calcutá, as artistas Carmen Miranda e Marilyn Monroe, Cleópatra, Olga Benário, as princesas Isabel e Diana, a professora Jônia Vieira e outras citadas abaixo. Pesquisamos várias artistas que pintaram retratos, como as pintoras modernistas Tarsila do Amaral, também retratada, a Anita Malfati, além da artista já citada Frida Kahlo.

Observamos, fruimos e analisamos o traço, as cores, o estilo, a expressão e contexto de cada obra.

Todas as alunas participantes da exposição relatada nessa monografia autorizaram o uso da imagem das suas obras. Algumas mulheres retratadas já faleceram, outras permanecem na sociedade.

Uma delas, representa a classe teatral brasileira, como a premiada atriz Fernanda Montenegro, que já completou 90 anos. Sempre atuante, contemporânea e querida pelo público, a artista também foi escolhida para essa exposição.

**Figura 18** - Registro da pintura “Fernanda Montenegro” da aluna F (2018).



Fonte: Cassia Veloso<sup>8</sup>

As fotos abaixo mostram o processo de trabalho de três alunas durante as aulas de Pintura do CRPI e em destaque a criação da obra: “Dandara”, esposa do Zumbi dos Palmares. A aluna G escolheu Dandara pela sua história de luta e força. Ao pesquisar, ela percebeu que não havia um retrato real da retratada e sim uma sugestão da imagem de uma mulher guerreira e lutadora das causas raciais do século XVII. Lembrando que foi a única mulher retratada em preto e branco e que a indumentária foi uma criação da aluna.

---

<sup>8</sup> Cássia Veloso é artista plástica e educadora. Responsável por algumas fotografias das pinturas da exposição: Mulheres do Mundo, 2018.

**Figura 19** – Registro da aula de Pintura no CRPI, 2018.



Fonte: Jônia Vieira

**Figura 20** – Registro da Pintura “Dandara” da aluna G (2018).



Fonte: Cassia Veloso.

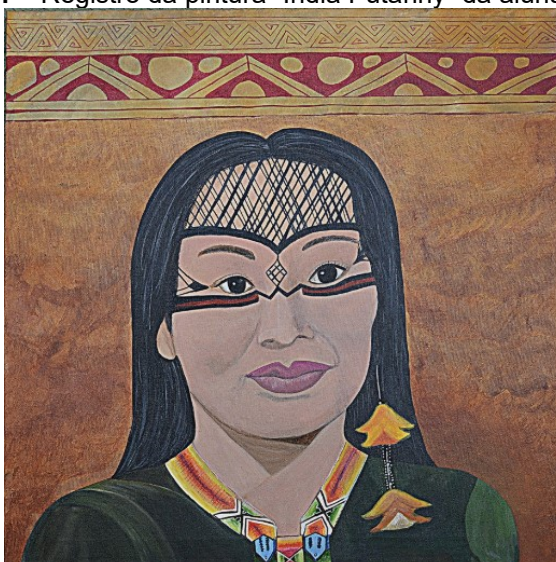
Volto a afirmar que durante o processo de escolha das pessoas retratadas na exposição, percebi que as alunas se identificavam com as mulheres escolhidas. Uma delas foi a escolha de uma índia de Taramacá, Acre, que foi a primeira mulher pajé do Brasil, Putanny Yawanawá, juntamente com sua irmã. A aluna H, ainda indecisa sobre qual mulher iria retratar, pesquisou melhor em casa e escolheu pintar esta índia, uma mulher de 40 anos. Importante observar a semelhança física e a identidade da aluna com a índia. Ao pesquisar sua biografia, as alunas descobriram que Putanny e sua irmã enfrentaram muitos preconceitos dos homens da sua tribo.

Precisaram se preparar durante um ano, afastada dos maridos e dos filhos, com alimentação restrita, após ouvir um chamado da ancestralidade para ser pajé de seu povo. Esta índia representa uma mulher forte, contemporânea, que trouxe novos elementos para a convivência, expressões artísticas da sua tribo e ainda opina sobre questões atuais da natureza, como ela mesma nos diz nessa reportagem:

Os cantos ganharam outra dimensão e potência, que recebemos através da medicina e dos sonhos durante o nosso processo. Começamos a cantar com outra voz. Quando apresentei a dança que recebi, livre e completamente diferente da roda tradicional, torceram o nariz, mas depois acabaram se encantando — conta. — Até aquele momento, nossos rituais eram escuros, todo mundo ficava sentado. Hoje, eles são alegres, misturam mulheres criança... Isso uniu a gente. E se refletiu nas crianças e nos jovens. Houve um empoderamento geral.

[...]Não somos os donos da terra, nós cuidamos dela e ela cuida de nós. É tudo que temos, de onde tiramos nossa sobrevivência e onde está o futuro das nossas gerações. O debate sobre a natureza deve ser conduzido pelos povos indígenas e não por pessoas que não têm relação com ela ou com os espíritos de ancestrais que vivem nela. Conectados com eles, buscamos a sabedoria para ter a resposta de que o mundo precisa. (BLOG DA CIDADANIA apud Jornal O GLOBO<sup>9</sup>, 2020, s.p.).

**Figura 21** – Registro da pintura “Índia Putanny” da aluna H (2018).



Fonte: Cassia Veloso.

---

<sup>9</sup> Matéria veiculada no Jornal O Globo, com o título: “Vem aí a era da verdade: diz pajé que está renovando a cultura Yawanawá, no Acre”, veiculada no dia 01/01/2019.

Importante ressaltar que alguns elementos dessa pintura foram criados pela aluna I e não correspondem necessariamente à imagem referenciada da índia Putanny.

Outra mulher retratada que considero bastante expressiva e necessária nessa exposição foi a cantora e compositora Elza Soares. A aluna I, que retratou a cantora, considera que a artista aos 82 anos é bastante engajada e empoderada. Apesar das adversidades que a cantora superou na vida pessoal e profissional, não desistiu de enfrentar a sociedade e mostrar o seu talento. Tem como lema “existir e resistir”.<sup>10</sup> É uma artista contemporânea, pois suas composições e interpretações refletem o momento atual do país e do mundo. Recentemente foi lançada uma biografia sobre sua vida e ela vai ser homenageada na escola de samba Mocidade, do Rio de Janeiro, nesse ano de 2020. Segue abaixo a pintura bastante expressiva da Elza Soares pela da aluna I.

**Figura 22** – Registro da pintura “Elza Soares” da aluna I (2018).



Fonte: Jônia Vieira

---

<sup>10</sup> Reportagem de Anderson Baltar, no Portal do Uol/RJ, intitulada: “Mocidade homenageia professores a pedido de Elza Soares, a ‘dona’ do enredo”, em 29/01/2020. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2020/01/29/estreando-na-mocidade-jack-vasconcelos-da-vida-a-enredo-sobre-elza-soares.htm> Acesso em 30/01/2020.

Durante o processo de criação desse projeto propus às alunas que buscassem referências na vida e na obra de Frida Kahlo e Louise Bourgeois, que foram artistas que conseguiram integrar arte e vida. Faço a reflexão que esse processo das artistas de terem expressado o vivido, as emoções, os traumas, os conflitos e as alegrias as tornam mais verdadeiras com a suas produções artísticas. Essa ponte entre a pesquisa de imagens e a necessidade de expressar o nosso interior é o que busco como professora-artista-pesquisadora. Penso que conhecendo a própria história, percebendo as preferências artísticas e o contexto em que se vive é possível expressar melhor as subjetividades de cada ser, por meio de uma produção mais autoral.

Nesse sentido, sei que não se aprende arte somente fazendo. É preciso saber analisar, refletir as observações, as produções artísticas, as fruições e as contextualizações, pois tudo isso está inserido em ações cognitivas e expressivas, que são essenciais para o ensino/aprendizagem das Artes Visuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No exercício de sala de aula é necessário um constante repensar e refletir criticamente sobre as ações pedagógicas do cotidiano. As buscas estéticas precisam estar alinhadas aos materiais teóricos e didáticos. Na medida que os saberes do professor interferem na busca desses materiais didáticos, é necessário que as ações de investigação do professor nutram os interesses e desejos do aluno. É preciso estarmos atentos aos desafios do saber artístico e do saber ensinar. As demandas contemporâneas nos mostram que o professor precisa estar sempre aprendendo e ressignificando a sua prática.

Considero que com esse trabalho, a pesquisa cumpriu sua proposta. Destaco como pontos negativos o curto espaço de tempo para a realização dessa monografia, na qual priorizei o relato da minha experiência em docência no ensino/aprendizagem de Artes Visuais. Considero como pontos positivos, a forma que encontrei de relatar e amarrar questões significativas do meu percurso como professora-artista para o ensino formal e não formal. Conseguir teorizar a minha prática foi uma conquista, já que no decorrer do dia a dia muitos projetos e planejamentos ficam soltos e sem uma sistematização teórica adequada. Além disso, houve uma explanação e diferenciação entre as experiências pedagógicas no ensino/aprendizagem de Artes Visuais para uma educação formal com jovens e uma educação não formal com idosos.

Em relação aos objetivos iniciais, que foi a conexão do ensino/aprendizagem em Artes Visuais com a Abordagem Triangular, com referências em registros biográficos, essa monografia também cumpriu o que foi proposto. Em relação à Abordagem Triangular, vejo que foi nosso norte durante todo o processo, pois o exercício da fruição, da contextualização e do fazer foi constante nesse texto. Com esse trabalho tive a oportunidade de relatar os processos de criação de uma exposição coletiva, durante as aulas de Artes Visuais em uma educação não formal.

Pode-se afirmar que houve construção de conhecimentos estéticos, percebendo-se claramente isso no crescimento e envolvimento dos alunos acerca dos conteúdos aprendidos. Nesse contexto, percebe-se que o aluno saiu de um nível de aprendizado e compreensão da experiência estética e foi para outro, porque houve estímulo externo para essa aprendizagem. Outro item de evolução observado foi a

autoestima, pois na medida que o aluno vence desafios e consegue enxergar o seu crescimento, ele fica mais confiante no seu potencial criador. Acrescento ainda sobre o papel da emoção no processo de aprendizagem. A emoção da criação ou de concretizar um sonho antigo e de aprender a pintar, a emoção de relacionar com o outro e aprender e a emoção de participar de uma exposição coletiva externa.

Uma questão que avalio desse trabalho foi a união de todos nós, participantes, a amizade, a construção de vínculos afetivos e o envolvimento e estímulo das famílias dos alunos e da professora.

Outra questão que surgiu durante as reflexões das aulas e que considero pertinente de um aprofundamento, se possível em outro trabalho, é que ao ensinar, provocamos e somos provocados. Educar é um ato de mão dupla e existem muitas questões que se inter-relacionam.

Ressalto a contribuição acadêmica dessa monografia e ratifico a importância do tema abordado. Em relação aos desdobramentos do ensino/aprendizagem de Artes Visuais para o ensino formal e não formal, penso que é possível realizar um trabalho de qualidade, observando as características de cada segmento. É possível desenvolver atividades ou projetos para ambos os segmentos de ensino, com referência na Abordagem Triangular. Penso que com esse trabalho, posso contribuir com a criação de novas metodologias para o ensino/aprendizagem de Artes Visuais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Amália. *Releitura, citação, apropriação ou o quê?* In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais* (Org.). São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. *Importância do ensino das Artes na escola*. Revista Época, 2016 Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html> . Acesso em 20 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. *A imagem no ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IIOCHPE, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teoria e prática da educação artística*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1979. 115p, il. (color.).

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANZ, Terezinha Suely. *Novos territórios no ensino das Artes Visuais e sua relação com a formação dos futuros docentes*. In: ANAIS da ANPAP, 2007, 16° Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/119.pdf>> Acesso em: 23 nov 2019.

GOUTHIER, J., *História do ensino da arte no Brasil*. In: PIMENTEL, L. G., (org.), *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

KETTENMANN, Andrea. *Frida Kahlo: Dor e paixão*. Editora Taschen, Colonia, 2001.

OLIVEIRA, R. M.; MOREIRA D.C., Daniel. *A perspectiva na Arte do Renascimento*. Revista Educação Gráfica, São Paulo, v.18, n. 01, p. 169-182, 2014. Disponível em: [http://www.educacaoografica.inf.br/wp-content/uploads/2014/05/14\\_A-PERSPECTIVA-NA-ARTE\\_169\\_182.pdf](http://www.educacaoografica.inf.br/wp-content/uploads/2014/05/14_A-PERSPECTIVA-NA-ARTE_169_182.pdf) . Acesso em 07 dez. 2019.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*, Petrópolis: Vozes, 1987.

PIMENTEL, L. G., *Cognição Imaginativa*. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, nov. 2013. v. 3, nº 6, p. 96-104, 2013. Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/118/93>> Acesso em 05 jan. 2020.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Ensino de Arte no século XX: Arte como disciplina*. Texto disponibilizado para a disciplina Fundamentos do Ensino de Arte II, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. 2006.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Fugindo da escola do passado: arte na vida*. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 8, n. 2, p. 5 - 17. – mai./ago. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734819862>. Acesso em: 16 junho 2019.

REY, Sandra. *Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Artes Visuais*. Porto-Arte, Porto Alegre, v. 7, p. 81-95, nov. 1996.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) *Ensino de arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008. P. 335-348.

### Referências digitais:

ARTE/REF, *Market place* e notícias em arte contemporânea. Título: “Como ser um artista segundo L. Bourgeois”, 2019. Disponível em: <https://arteref.com/arte-no-mundo/como-ser-um-artista-segundo-louise-bourgeois/>Acesso em 01 Fev. 2020.

BAKER, Lindsay. *A vida secreta de Frida Kahlo*. BBC PORTUGUESA in BBC CULTURE. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-44876258>> Acesso: 21/dez/2019.

BLOG DA CIDADANIA, [S.A.] “Vem aí a era da verdade”. Brasil. 2020. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2020/01/vem-ai-a-era-da-verdade-diz-paje-putanny-yawanawa/> Acesso em 17 Jan. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental*. –Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/arte-e-a-lei-de-diretrizes-e-bases/36090>>. Acesso em 10 nov. 2019.

COSTA, Roosevelt R. *O que é ser protagonista?* Ed. 81, p.1-2, 2006 Disponível em: <http://jornal.nossaescola.com.br/news.asp?CATEGORIA=ARTIGOS&IDNOTICIA=152>. Acesso em 21 dez. 2019.

CUBISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3781/cubismo>>. Acesso em: 13 de Fev. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ESCOLINHA de Arte do Brasil (EAB). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao209047/escolinha-de-arte-do-brasil-eab>>. Acesso em: 13 de Fev. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. *Louise: uma vida que entrou para a história da arte*. [S.l.] Disponível em: <http://iberecamargo.org.br/louise-bourgeois-uma-vida-que-entrou-para-historia-da-arte/> Acesso em 21 jan. 2020.

**ANEXOS**

ESCOLA MUNICIPAL PREFEITO AMINTHAS DE BARROS – EMPAB  
Rua San Salvador, 71 – Estrela Dalva – Belo Horizonte – MG Tel: 3277-9642

**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM**

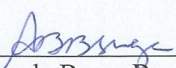
Em nome da Escola Municipal Prefeito Aminthas de Barros, situada à Rua San Salvador, nº71, bairro Estrela Dalva, Belo Horizonte-MG, Cep: 30.575-020, autorizamos Jônia Márcia Felipe Vieira – RG: M-2.883.209, CPF: 568.900.286-00 a utilizar o nome da Instituição em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Jônia Márcia Felipe Vieira se compromete a não autorizar para terceiros a utilização do nome da Instituição deste contrato, bem como a utilizá-lo exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Jônia Márcia Felipe Vieira se compromete, ainda, a usar o nome da Instituição de forma a não ferir sua reputação.

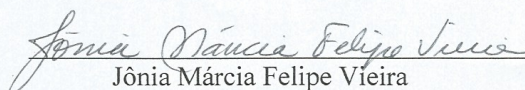
Belo Horizonte, 03 de fevereiro de 2020.

Angela Braga B. Suga - RG: 335.747-6  
Diretor de Escola Municipal  
Assinatura em DOM: 30/12/2017

  
Angela Braga Bezerra Suga  
Diretora Escolar

Escola Municipal Prefeito Aminthas de Barros

De acordo:

  
Jônia Márcia Felipe Vieira



PREFEITURA MUNICIPAL  
DE BELO HORIZONTE

**Centro de Referência da Pessoa Idosa  
CRPI**

**Belo Horizonte – MG, 31 de janeiro de 2020**

**AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM**

Em nome do Centro de Referência da Pessoa Idosa, situado à rua Perdizes, 366, bairro Caiçara, autorizamos Jônia Márcia Felipe Vieira - RG M2883209, CPF 56890028600 a utilizar o nome da Instituição em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Jônia Márcia Felipe Vieira se compromete a não autorizar para terceiros a utilização do nome da Instituição deste contrato, bem como a utilizá-lo exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Jônia Márcia Felipe Vieira se compromete, ainda, a usar o nome da Instituição de forma a não ferir sua reputação.

Belo Horizonte, 31 de janeiro, 2020

Leandro Faria Campos

Coordenador do Centro de Referência da Pessoa Idosa – CRPI

Leandro Faria Campos - BM: 105.555-9  
Coordenador do Centro de Referência da Pessoa Idosa  
CRPI / SMADC

De acordo

Jônia Márcia Felipe Vieira

Centro de Referência da Pessoa Idosa - CRPI  
Rua Perdizes, 336 – Caiçara – BH/MG  
CEP: 30.770-270/ Telefone: 3277-7164